

Blumenau *em cadernos*

TOMO IX



— MARÇO DE 1968 —



— N.º 3

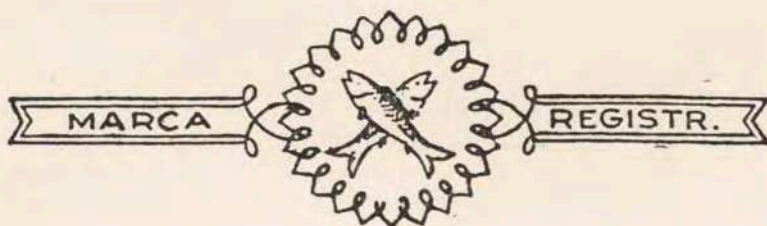
INDÚSTRIA TÉXTIL

Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil

RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, N.º. 2

TELEGR.: «TRICOT»



FÁBRICA DE:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria

Blumenau

em Ladernos

TOMO IX ★ — MARÇO DE 1968 — ★ — Nº. 3

Recenseamento de 1940 no Alto Vale do Rio Itajaí

Alfredo E. Cardoso

O Govêrno não encontrou dificuldades para achar candidatos que pudessem servir, no recenseamento de 1940, como agente recenseador. Os mesmos recebiam, em média, dois mil réis por família.

No município de Ibirama, onde eu lecionei naquela época, não demorou que todos os setores estivessem entregues aos seus respectivos agentes recenseadores com exceção de um, cuja zona era conhecida como perigosa, e distante da sede.

Certo dia fui chamado para fazer o censo naquele setor, que compreendia o lado direito do Rio Hercílio, da atual Dalbérgia até o Pôsto Indígena «Duque de Caxias», e todos os afluentes inclusive o vale do Rio Dollmann, Serra do Mirador (estrada Taió-Itaiópolis) e a margem direita do Rio da Prata. Parte do Rio Dollmann, Serra do Mirador e Rio da Prata eram regiões desconhecidas pelas próprias autoridades do município.

A princípio hesitei em recensear, naquela época, esta população de várias procedências, numa região desconhecida. Recebi substituto para minha escola durante o tempo do censo, assim como um guia que me deveria acompanhar quando necessário. Finalmente resolvi aceitar o trabalho do censo em dito setor.

Até Forquação, no vale do Rio Dollmann, os trabalhos do censo não encontraram obstáculos. Conheciam-se os costumes da população. E' do Vale do Itajaí e, com raras exceções, laboriosa e ordeira.

Em 1940 não havia estrada carroçável de Forquação até a estrada que liga Taió a Itaiópolis. Caminhava-se uns dez quilômetros ou mais por uma picada de animais cargueiros. Nessa picada, ou melhor picadas, alojaram se, vindas há anos do antigo Contestado, umas setenta famílias caboclas, em terras que pertenciam à Sociedade Colonizadora Hanseática, sediada em Ibirama.

ma. Essa sociedade muito lutou, durante anos, para desalojar tais intrusos, que eram mais perigosos que os nossos indígenas.

Abandonado que foi antigamente o território do Contestado, faltava a estas populações qualquer tipo de assistência governamental ou espiritual, vivendo elas na marginalidade, dominada por crenças primitivas.

Dominava econômicamente a região do Contestado, o latifúndio que impedia o progresso e asfixiava a pequena propriedade, o comércio e a agricultura. Julgavam-se assim os caboclos cercados de inimigos: o govêrno federal, os proprietários, os capangas dos coroneis e a polícia catarinense e paranaense, que surgia por vêzes para expulsá-los de suas terras. Fácil era, em tal estado de tensão, o surgimento de um líder que os conduzisse à revolta. Êste líder esperado apareceu. Na realidade eram três os monges que os guiaram sucessivamente: João Maria, João Maria de Jesus e José Maria Agostinho. Se as autoridades de qualquer um dêsses Estados soubessem aproveitar a fôrça que êsses fanáticos representavam, solucionando-lhes seus problemas e dando lhes terras, teriam garantido para seu lado a posse de todo o Contestado. Os govêrnos estaduais e federal, em vez de solucionarem o problema social surgido no Contestado, enviaram fôrças policiais e militares para aniquilarem os sertanejos.

Depois de vários combates, durante vários anos, em que os jagunços perderam quase três mil homens, a guerra terminou em 1915. Na fase final a luta perdeu tôda a sua característica religiosa e o banditismo superou qualquer misticismo.

A campanha do Contestado foi, para o Exêrcito, mais difícil do que a de Canudos, pois morreram, entre outros, vinte oficiais.

Nesse reduto, nas cabeceiras do Rio Dollmann, onde se encontrava em 1940 parte dêsses jagunços, a extrema falta de recursos e a criminalidade eram gerais.

O amparo policial que pedi para o censo naquele trecho do meu setor acabou sendo-me negado. Soube que os intrusos tinham o seu chefe, de nome Machado. Com o mesmo procurei entrar num entendimento de modo todo amigável, e o censo destas famílias caboclas foi feito na medida do possível . . .

O sr. Trentini, de Ribeirão Griesebach, que em tempos idos fôra professor numa escola italiana de Rodeio, me acompanhava e foi ótimo guia. Não pernoitávamos no trecho ocupado pelos caboclos.

No dia em que caminhávamos pelas picadas desta região, para alcançar a estrada Taió-Itaiópolis, passamos pelo cemitério dessas famílias. Notamos que a mortalidade infantil era enorme. Em palestra com uma senhora soubemos que ela morava numa minúscula choupana aberta, e estava praticamente sem alimentos. Amamentava duas criancinhas, sendo uma adotiva. Fumava para matar a fome. O marido trabalhava na serraria do sr. Fossa, nas proximidades da barra do Rio Dollmann, e vinha sômente aos sábados para casa.

Uns dez dias depois, quando voltávamos do Rio da Prata, havia naquele cemitério três enterros: a filhinha da senhora acima mencionada, uma criança nascida morta e a mãe dessa última, que, enfraquecida ao extremo e abandonada, não podia defender-se contra o ataque da formiga "de correição" que tudo devora de passagem.

Mais adiante entramos numa vendinha para comprar algo de comer. Nada havia, mas, disse o dono da vendinha, se quiséssemos esperar, êle nos faria polenta com charque. O ambiente desagradável ou melhor, perigoso, fêz com que continuássemos imediatamente a nossa caminhada. Ainda que dia de trabalho, encontravam-se, tanto fora como dentro da vendinha, indivíduos, alguns com profundas cicatrizes, limpando, experimentando e negociando armas de tôda a espécie.

Milho verde, abóbora, pinhão e algo de caça representava noventa por cento da alimentação dêsses intrusos.

Noventa e cinco por cento eram analfabetos. 90 % não possuíam registro civil e muitos ignoravam sua idade e a dos filhos. Ninguém pagava impostos e nem era bom falar no assunto. Não havia escola nem igreja.

Chegamos em cima da Serra do Mirador na estrada Taió-Itaiópolis, já carroçável muito antes de 1940.

No decorrer dos trabalhos do censo serra-abaxio observei que a maioria ocultava grande parte da produção agropecuária. Era muito comum acreditar-se que os dados do censo serviriam como base para alteração de impostos. Cabia portanto ao agente recenseador o dever de «ajudar» a êsses mal informados a fornecer dados mais corretos.

Sabedor de que, entre outros produtos, colhiam-se, em média 50 sacos de milho por família, comecei a recensear na casa do primeiro lavrador da serra que divide os tributários dos Rios do Oeste e Hercílio. Chegando à pergunta: "Quantos sacos de milho foram colhidos na última safra?", a patroa que me atendia, prontamente respondeu: trezentos. Pensando tratar-se duma vanglória, expliquei que as informações deveriam concordar mais ou menos com a realidade. A ingênua senhora retificou o dito para 360 sacos... Vi que o muxirão, a quase total ausência de ervas daninhas, o clima, o terreno e o pendor ao cultivo de cereais desses colonos, garantiam ao homem do campo desta zona colheitas melhores das do lavrador de serra-abaxio.

Encontramos ali colonos de ascendência polonesa, vindos do município de Itaiópolis e de ascendência italiana, alemã e lusa, vindos dos municípios de Ibirama e Taió. Portanto uma colonização vinda da vertente ocidental do Estado de Santa Catarina tinha ali o seu encontro com outra que veio da vertente oriental do mesmo. Os costumes da população já divergiam dos da do baixo município de Ibirama. O único impôsto que ali se pagava eram quinhentos reis por ano por alqueire de terras, impôsto êste que o Estado recebia. (alqueire são 5.000 braças quadradas e, braça - 2,2m). Havia lotes de um quilômetro de largura e cinco de comprimento. O negociante que lá vivia não pagava impostos nem recebia a visita do fisco das as condições da região. Na parte pertencente ao município de Ibirama recenseei umas trinta famílias e verifiquei que não havia escola. A pequena capela recebia, algumas vezes por ano, a visita dum padre que vinha de Itaiópolis.

Nos dias em que trabalhei neste lugar, éramos hóspedes duma família de ascendência italiana, muito amiga do meu guia. Para um bate-papo era muito comum os moradores da redondeza reunirem-se oportunamente à noite, na casa dessa família. Era um meio de substituir o cinema, o rádio, as revistas, os jornais, que lá não encontrei. A nossa chegada à men-

cionada casa era pois motivo para uma reunião na qual se pediu em primeiro lugar uma explicação para o motivo do censo. Depois da minha palestra, não faltou quem deles falasse da sua imigração, lavoura, ataques das onças à criação de gado; de suas façanhas e caçadas, da "vaca velha" (festa familiar muito animada). Um deles, que trabalhava na construção da estrada Ribeirão Grande - Serra do Mirador, narrou como descobriram que a Serra do Mirador possui uma rocha que contém certa substância combustível. Dizia êle: "Estávamos trabalhando na parte da serra. Levamos víveres, para lá mesmo prepararmos nosso almôço numa lata de meio alqueire (lata de que-rozene em que cabem 15 quilos de milho). O fogão improvisado era quatro pedras numa altura que o fogo pudesse desenvolver boa temperatura de-baixo do vasilhame. Depois de hora, mais ou menos, a turma foi alertada, por estranho cheiro, que algo estava acontecendo na nossa "cozinha". Verifi-camos que as pedras, sôbre as quais a lata pousava, concorreram, ou melhor, cooperaram com a lenha. Eram também espécie de combustível que, com a queima, desprendia cheiro desagradável. E' escusado dizer que a lata, com o almoço, tombou dentro do fogo.

Onde estávamos hospedados, a casa e todo o mobiliário eram fei-tos de "rachões". Assim como se rachava a tabuinha que substitui a telha, rachava-se tambêm o pinho, obtendo tábuas que, depois de desbastadas, ser-viam pera a construção.

Descemos para o Rio da Prata, afluyente do Rio Hercílio. Êle se-para os municípios de Itaiópolis e Ibirama. Do alto podia-se contemplar a beleza dos intermináveis pinheirais dêste vale. Pouco foi aproveitado das ár-vores cortadas. Mais para o noroeste apresenta-se, um tanto isolado, o Mor-ro do Taió que, com seus 950 m tem a altura do Morro Spitzkopf, da Serra do Itajaí. O município de Itaiópolis que aqui se avizinha com o de Ibirama foi povoado principalmente com imigrantes poloneses, depois da pro-clamação da República. Fazia parte do ex-Contestado, e, pelo Governo do Paraná, elevado, em 1909, à categoria de município.

Até 1916 limitava-se o município de Blumenau com terras que o govêrno paranaense considerava como pertencentes ao seu Estado. Em 1916, depois de vencida a resistência no Contestado, o litígio entre Paraná e San-ta Catarina foi resolvido, graças à intervenção do Presidente Wenceslau Braz, recebendo o Estado barriga-verde o atual contórno. O município de Itaiópolis, depois de ser suprimido, em 1917 pelo govêrno catarinense, foi novamente criado em 1918 e instalado em 1919, sendo Governador do Es-tado o Dr. Hercílio Pedro da Luz.

Na vertente direita do Rio da Prata recenseamos umas sessenta famílias de ascendência polonêsa, uma de ascendência italiana e outra lusa. Encontramos uma escola estadual, cuja professôra, um tanto martirizada pela saudade, esperava a chegada das férias. Era filha da cidade. Havia duas cas-as comerciais: uma perto do pontilhão que liga os dois municípios e ou-tra perto da entrada da Varanera. Existiam ainda dois primitivos moinhos de trigo movidos a água, duas serrarias, atafonas e vários monjolos. Estradas que ali já existiam antes de 1940 ainda não se encontram nos mapas do Es-tado editados em 1965. . . O problema dos impostos era idêntico ao do dos moradores da Serra do Mirador.

As moradias, a vida social, o falar, agropecuária, alimentação e até as medidas divergiam das dos moradores de serra-abaiixo. O auxilio recí-

proco nos trabalhos da lavoura (muxirão), a defesa individual e da propriedade e o clima impunham suas exigências. Éramos nós, o sr. Trentini e eu, os únicos homens adultos desarmados, que naquela ocasião, lá se viam. As medidas antigas estavam ainda muito em uso, (alqueire e outras). Em quase tôdas as casas comia-se a broa, que era feita da farinha integral do trigo e centeio. As festas familiares eram fartamente regadas com a pinga, alguma fabricada do mel de abelhas. Aproveitava-se nesse caso o mel da flor da bracinga. Era população hospitaleira. Evitávamos palestras sôbre o conflito entre povos europeus naquela época.

O clima não era próprio para o cultivo da cana e do aipim. Poucos davam valor a um pomar. A produção agrícola era animadora na Serra do Mirador e Rio da Prata. Notava-se fartura em quase tôdas as casas. Colhia-se muito milho, trigo e centeio. Havia colonos que possuíam 250 colmeias de abelhas.

Existiam, no entanto, alguns obstáculos: a enorme distância para as sedes municipais, a falta de escolas, de farmácia, de médico. A existência de banditismo e doenças, entre elas o bócio endêmico ou papo.

O trabalho do censo no meu setor chegara à sua fase final. Disse-me certa vez o guia, enquanto caminhávamos pelas estradas semi-abandonadas das cabeceiras do Rio da Prata: "Hoje é que vamos apanhar uma trovoadá daquelas". Respondendo ao meu «por que?», o velhinho explicou que desde cêdo êle já observava isso na manifestação de certos animais. Como não me prontificasse a acreditar em tudo o que êle, nesse sentido, dizia, ouvi ainda a seguinte estória: "Certo engenheiro recém-formado, querendo fazer na Mantiqueira algumas medições meteorológicas, além de outras, arrumou um burro como meio de transporte para aquelas montanhas. Nesta difícil viagem, chegou a primeira noite. Nosso engenheiro armou a barraca e, depois de outros afazeres, ocupou-se ainda em algumas medições. O quadrúpede, que no entender do patrão estava bem guardado, presentindo algo, mostrava-se inquieto. O pesquisador não deu importância à manifestação do seu «carrega-coisas» e foi dormir. Acordou o forte tempestade e não encontrando mais tenda nem animal, arrependeu-se o letrado de não ter atendido ao burro, que sabia o que ia acontecer".

Eu nada disse. Porém pensei no seguinte: O que seria se não tivéssemos ainda relógio, bússula, termômetro, barômetro, etc. Não é novidade que o instinto dos animais presente fenômenos da natureza; não podemos, no entanto, desprezar as invenções que se adaptam ao mundo atual, ao tempo da máquina.

Anoitecia. Chegávamos ao último morador da valada do Prata, uns dez quilômetros distantes do vendeiro do qual éramos hóspedes e mais de cem quilômetros distantes da sede do município. A fauna diurna dava lugar à noturna.

Devo salientar que o meu guia cumpriu realmente sua missão. Entendia-se com italianos, alemães, lusos e poloneses. Conhecia os costumes da população do setor e era amigo de todos. Recebi bons conselhos do velhinho e a tempestade, por êle anunciada estava para vir dentro de instantes. Lembro que no meu setor encontrei adultos, principalmente do sexo feminino, tanto italianos como alemães ou poloneses, com os quais era impossível manter-se conversação na língua portuguesa.

Nessa pequena habitação do último morador, onde a convite de patrão entramos, a candeia acesa já substituiu a luz natural. Repentinamente apareceu uma ventania que parecia derrubar a minúscula cabana. A chuva e o granizo que se associaram ao tufão impediram a continuação do trabalho que me levou àquela moradia. Sabendo que, nesta hora, só Deus lhes poderia valer, toda a família ajoelhou-se para a oração...

No dia seguinte, observamos que, resultante do temporal, o agricultor sofrera enormes prejuízos.

Para recensear os silvícolas do Pôsto «Duque de Caxias» veio uma comissão do Ministério da Agricultura e para que todos os índios aparecessem em determinado dia no Pôsto, foi preciso cientificá-los com antecedência e preparar-lhes um dia de festa com «comes e bebes» de acôrdo com os seus costumes.

A entrada de estranhos no Pôsto era quase sempre interdita e, como no dia do recenseamento esta foi livre, muita gente assistiu a tal acontecimento. Num bosque, tudo estava preparado festivamente. Os alunos da escola do Pôsto, que eram uns cinquenta, todos filhos de índios, cantaram, além de outros cantos, também o Hino Nacional do melhor modo possível. O número de índios não chegou a duzentos.

No tronco duma árvore estavam amarrados dois bois que, depois de terem servido vários anos num engenho, deveriam ser mortos a flecha, nesse dia. Apareceram dois dos mais robustos índios desprovidos de trajes, muito pintados e trazendo cada um arco e flecha. Foram designados para tirar a vida dos animais cuja carne figurava na lista das iguarias do dia do censo. Os dois índios receberam ordem para fazer uso de sua arma primitiva. As flechas partiram e penetraram uns dez centímetros nos corpos dos ruminantes mais ou menos na região cardíaca. Aconteceu que as cordas não foram feitas para aguentar animais de tal peso e com uma flecha entre as costelas... Uma vez soltos, não olharam se, no rumo por eles tomado, havia ou não espectadores... Entre gritos, todos, também as autoridades, se aproveitaram aceleradamente de seus membros de locomoção. Após terem alterado o programa dessa festa, ditos animais rumaram por uma picada que dava para o Rio Hercílio onde toram mortos a bala de revolver, que lhes atingiu o encéfalo. Um grande susto, vários arranhões e a retirada de algumas moças dum banhado, foi o balanço do imprevisto naquela festa.

Os trabalhos do censo continuaram orientados pelo sr. Eduardo de Lima e Silva Hoerhahn que dirigia o Pôsto «Duque de Caxias».

Verifiquei que o ambiente no reduto dos caboclos não se podia comparar com o do Pôsto dos indígenas.

No primeiro havia a falta de lar próprio, de tratamento de saúde, de casamento civil, de alimentação adequada, de escola e igreja. No Pôsto indígena não se verificavam tais falhas.

Tanto os caboclos, como os índios custaram aos cofres públicos enormes quantias. As demais famílias do meu setor produziam e eram assim contribuintes dos cofres públicos.

Os Estados do Brasil que maior percentagem de aumento da população, entre os recenseamentos de 1920 e 1940, apresentaram, foram: Paraná — 81 %, Santa Catarina — 78 %, Espírito Santo — 65 %, São Paulo

— 57 %, e Rio Grande do Sul — 52 %. Entre 1920 e 1960 verifica-se o seguinte: Paraná 523 %, Santa Catarina — 223 %, São Paulo 182 %, Espírito Santo — 159 % e Rio Grande do Sul — 149 %.

O vale do Itajaí, com sua indústria aprimorada e população que não deixa de bem aproveitar a fertilidade do solo, muito contribuiu para a posição de Santa Catarina e o setor do Alto Vale, acima descrito, que em 1940 contava com quase 500 famílias, foi um dos que mais progrediram no tocante ao aumento da população, tendo-se em vista que em 1920 grande parte desse setor era ainda habitat de nosso selvícola.

UM EPITÁFIO ORIGINAL

Devemos ao nosso amigo e colaborador, sr. Sebastião Cruz, o seguinte e interessante epitáfio que o mesmo encontrou num túmulo do velhíssimo cemitério da povoação de Barra do Camboriú, antiga Nossa Senhora do Bom Sucesso de Camboriú.

Essa sepultura guarda os restos mortais de uma certa Dona Dorvalina Feijó Passos. Por vontade desta, ou pela iniciativa de seus parentes, foi gravada, na lápide da tumba, esta quadrinha:

“Aqui jazem os meus ossos
Neste campo de igualdade
Esperando pelos vossos
Quando Deus tiver vontade”.

Uma autêntica manifestação do gênio poético que caracterizou as camadas semi-alfabetizadas do nosso litoral no século passado.

A Estação Telefônica de Ibirama foi inaugurada a 21 de abril de 1906. Depois que a direção da Colônia Hansa se protificara a doar os postes e providenciar local apropriado para a sede da estação, o govêrno resolveu construir a linha desde Blumenau. Esta foi construída sob a supervisão do Inspetor Zittlow que a terminou em tempo recorde. À inauguração estiveram presentes autoridades locais e o Inspetor de Linhas Dr. Goeldner, de Florianópolis. Foram passados telegramas de congratulações ao govêrno do Estado e ao Ministro da Viação, Dr. Lauro Müller, a que se devia especialmente o grande melhoramento. Ficou, assim, a então distante colônia ligada à sede do município Blumenau por um dos mais rápidos meios de comunicação.

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

Em artigo anterior referi-me à grande Festa de São Pedro, o acontecimento marcante que anualmente se repetia em Gaspar. Para os jovens de meu tempo ela era positivamente, a "grande festa", que nos oferecia múltiplas distrações e muitas curiosidades. Já a ocorrência de muita gente de fora, que vinha para assistí-la, despertava nosso interesse especial, uma vez que a nossa vida quotidiana corria num fluxo calmo, sempre vendo as mesmas pessoas e vivendo os mesmos acontecimentos. Uma das grandes atrações da Festa de São Pedro, era a realização das corridas de cavalo, parte integrante das promoções festivas. Comentavam-nas muito antes da Festa e com grande expectativa aguardavam-se a chegada dos cavalos de corrida procedentes dos municípios vizinhos. Em cada páreo competiam dois cavalos numa raia improvisada na estrada de Blumenau a Gaspar, no trecho que ia do sítio dos Eberhard até a venda do Senhor Gaertner. A raia passava bem em frente a nossa casa. Dois meses antes da festa, chegavam os «parelheiros» de Blumenau, de Brusque e algumas vezes, de Lages ou de Curitiba.

Numa estrebaria de meu avô Schoepping, de saudosa memória, o Snr. Cunha da Silveira, de Blumenau, costumava instalar os seus cavalos de corrida, cuidados por tratadores e por treinadores. Diariamente faziam os cavalos realizar exercícios de fôlego e experimentavam a raia. Em outros locais encontravam-se os cavalos de outros proprietários. Havia grande preocupação entre os treinadores e os tratadores, de evitar que elementos estranhos chegassem junto aos animais entregues aos seus cuidados, pois não raramente acontecia, que indivíduos a serviço da «concorrência» procuravam prejudicar de qualquer forma os cavalos que eram apontados como favoritos, para elimina-los da possibilidade de vencer a corrida.

Esses tratadores e treinadores mereciam tôda a nossa atenção. Com suas largas bombachas, enfeitadas com duas ou quatro fileiras de botões de madre-pérola, que, à direita e à esquerda, iam de cima até em baixo, com as suas botas de canos largos dobrados em pregas, as suas guaiacas guarnecidas de pele de onça e fivelas de metal, seus longos punhais de cabo e bainha prateadas, chupando chimarrão de cuias enfeitadas de metal, com bombilhas de bocal dourado e bebendo água de guampas presas a longas correntes de metal branco, com seus arreios chapeados de metal e o seu linguajar pitoresco e diferente daquele que conhecíamos, afiguravam-se a nós, meninos que os rodeávamos sempre que se nos oferecia uma oportunidade para isso, como exóticos. Na nossa imaginação infantil eram homens que viviam grandes aventuras e que haviam percorrido terras para nós ainda lendárias. Diziam-se gaúchos, porém, meu avô não acreditava muito nesta afirmativa, considerando-os incapazes de reafirmar as façanhas dos legítimos gaúchos, muito embora os seus gestos e os rompantes de sua linguagem nada deixassem a desejar.

No dia da festa às duas horas da tarde, junto à raia, já se encontrava grande multidão de pessoas que queriam assistir as corridas. Normalmente realizavam-se três páreos, mas acontecia que, após as corridas «oficiais», pessoas entusiasmadas acertavam corridas com os seus cavalos comuns, ocorrendo, assim, mais algumas corridas suplementares. Estas, não raramente, ofereciam aspectos bastante jocosos e hilariantes, como adiante veremos.

Os «acertos» das corridas tomavam bastante tempo. Era cousa muito séria. Os donos dos animais exigiam que lêssem pesados os jóqueis, para não haver desigualdade de vantagens. Cada qual queria obter para o seu cavalo, as melhores condições técnicas. Simultaneamente os apostadores acertavam apostas, usando termos pitorescos, como «meia cara, uma cabeça, um corpo inteiro de luz», «meia braça ou uma braça de frente» etc.

Depois das corridas «oficiais» realizavam-se as acertadas entre as pessoas que assistiam as mesmas. Punham-se na raia, cavalos de montaria e de tiro, geralmente pesadões e não acostumados a correr muito mais do que um galope à curta distância. Podia mesmo acontecer, que em meio da raia paravam e nem a chibata de seus montadores, nem os gritos da multidão faziam-nos continuar a correr. E' evidente, que nessas ocasiões os ditos humorísticos, as alfinetadas irônicas e comentários mordazes sobre a qualidade dos animais e seus jóqueis improvisados exasperavam os ânimos, principalmente daqueles, cujos animais de maneira alguma animavam-se a correr. Disto resultavam atritos e brigas, que, talvez, teriam tomado caráter sério, não fôsse a intervenção da turma do «deixa disto», muito bemvinda aos briguentos, que começavam a ter medo de sua própria coragem. Eram os que mais gritavam: segurem-me, se não eu acabo com êste provocador miserável. Lembro-me particularmente, de uma corrida sui generis, bastante jocosa, certamente enédita e que inédita, talvez, permaneça até hoje. Dois cidadãos, muito conhecidos como boêmios inveterados, ambos grandes apreciadores da cerveja - que, também, nunca faltava na raia, - acertaram uma corrida de seus burricos. Combinaram, que eles próprios montariam os jumentos, o que em si já constituia um quadro bastante curioso, dada a corpulência de ambos e a presença de suas volumosas barrigas. Dirigiram-se com os seus teimosos animais ao começo da raia, tiraram os paletós e montaram para a corrida. Quem, porém, não gostou da cousa, foram os jumentos. Oferecendo forte resistência às pretensões de seus donos, de fazê-los correr, só vagarosamente moviam-se para frente e com magestoso desprêso ignoravam tôdas as chicotadas e cutucões de esporas de seus montadores. Êstes, aos gritos e suando por todos os poros, conseguiram suas montarias chegassem até ao meio da raia a ser percorrida. Alí, os "parelheiros" pararam. Como, ao que parece, cultivaram amizade recíproca, nenhum deles adiantou-se um só passo ao outro. Puzeram-se a corcovear e seus montadores, para não serem derrubados, tiveram que desmontar. Tal fato, teria de deixar a corrida indícisa, não fôsse a decisão dos donos dos animais, de correrem a pé até o fim da raia, porque à viva força queriam que houvesse um ganhador. Sob uma algazarra espetacular do povo, iniciaram a corrida a pé. Cousa semelhante, nunca antes se havia visto em nossa pacata cidade de Gaspar. Derramando rios de suor, os dois homens corriam tanto quanto o seu peso o permitia. Vibravam os chicotes, como se estivessem montados, talvez, para animar-se a correr mais. As esporas de grandes rosetas que traziam presas aos sapatos,

atrapalhavam-nos e faziam-nos tropeçar. Não foram muito longe. Não fôra o enorme cansaço que deles se apoderou, outro fato hilariante teria posto fim à proêsa dos denodados cavalheiros. É que, em dado momento, provavelmente consequência do grande esforço que fazia, a cinta de um deles rompeu-se e as calças começaram a descer. Foi o fim! Sentados à beira da raia, muito ofegantes, em frases entrecortadas de queixas de dores que sentiam, lastimavam-se de terem-se metido em tal aventura que, finalmente, de nada mais valeu, do que para oferecer ao povo um espetáculo inédito e muito hilariante.

A raia desapareceu. A cidade estendeu-se e ela foi engolida pelo progresso. Não sei se em Gaspar ainda realizam-se corridas de cavalo. O que sei, o que tenho certeza, é que muitos habitantes mais antigos de minha encantadora cidade natal, devem ter saudades das grandes corridas de cavalos, que naqueles tempos se realizavam, tão interessantes sob multiplos aspectos e que tanta gente atraía, de Garpar e das cidades vizinhas. Hoje, quem lá corre muito, especialmente na extensa reta onde antes havia a raia, são os automóveis. O povo já não se aventura de parar á beira da estrada, hoje uma rua bem calçada, para ver passar, não cavalos de corrida, mas automóveis velozes, porque pode acontecer, que uma barra de direção partida, um caminhão em derrapagem ou um simples descuido do motorista ao volante, acabe com a existência de um pacato espectador.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 3,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

A igreja católica de Hammonia (hoje Ibirama) foi inaugurada em 10 de outubro de 1909. Foi benta pelo padre Modesto Hoettges, de Rodeio com a assistência de grande massa de fiéis, Às 7 horas houve missa e às 10 horas procedeu-se à sagração do templo. O Frei Estanislaou Shaette proferiu uma ligeira prática em português e o Padre Modesto em alemão. A igreja foi dedicada a São Humberto, patrono dos caçadores.

NOTAS ESTATÍSTICAS SÔBRE A COLÔNIA BLUMENAU

Província de S. Catarina no Sul do Brasil em 1862

O ano transato tem sido, no ponto de vista da temperatura, um tanto singular. A um outono sem igual, que prometia uma ótima colheita, seguiu um inverno curto, mas rigoroso. Durante quatro noites do mês de julho, o termómetro baixou a 3 graus abaixo de zero, um frio intenso para o clima dêste lugar, como nunca fêz há muitos anos atrás.

Em consequência dêsse frio intenso as principais plantações morreram com a geada, principalmente a cana de açúcar o café e a mandioca, foram muito prejudicadas. Essas plantações tinham sido para o dito ano completamente estragadas e o os outros produtos, cujas sementeiras também tinham sido atacadas por causa do intenso frio, podiam ainda ser plantadas o que prometia ainda uma boa colheita. Nos meses de outubro e novembro, chuvas incessantes prejudicaram muito as plantações novas, e duas enchentes (inundações) seguidas, uma em outubro e outra em novembro, do rio Itajaí, prejudicaram pela segunda vez a colheita dos distritos colonizados de situação mais baixa, sendo que os lugares recém-colonizados e situados mais alto, tinham sido, felizmente, menos prejudicados.

Após essas inundações, appareceu uma infinidade de lagartas que devoraram tôda a grama das pastagens pelo que o gado quase que sucumbiu e também às plantações de milho a-quêle bicho fêz estragos deixando as demais plantações intáctas.

A Província quase tôda sofreu com estas catástrofes e, conforme a memória de pessoas de idade mais avançada, há mais de uma geração não houve um ano tão trágico. A geada dilatou-se para o sul, em direção à Província do Rio Grande, onde em alguns distritos o termómetro baixou a 10 graus abaixo de zero, e para o norte, na Província do Paraná até a Província de São Paulo, onde nunca appareceu desde a colonização por brancos, e além.

O centro da Colônia está situado em 26°55'16,5" de latitude sul e 49°9'15" de longitude leste de Greenwich.

A Colônia tem uma área cêrca de 50 légua quadradas com a mais linda e abundante mata virgem, sendo que até agora 3 700 geiras prussianas estão sendo verdadeiramente cultivadas.

A Colônia tem largas rodovias que se estendem a 7.509 braças, ou cerca de duas milhas e meia; 37.400 braças, ou 12 léguas, de caminhos para cavaleiros, que são também em grande parte transitáveis por veículos com um animal; 15 pontes fortes construídas de madeiras com alicerces de granito, estando em construção a maior delas que é sobre o rio Garcia. Existem 3 canais de alvenaria prontos e cobertos e 3 em construção. Por causa das muitas e pequenas águas que vêm dos montes (montanhas) foi necessário construir mais 38 canais que foram feitos com troncos de arvores depois de apropriados para este fim. Além desse meio de comunicação a direção colonial possui 4 canoas, 7 barcas que foram construídas para o transportes de andantes e cavaleiros e 3 botes que servem em parte para transportar pessoas e em parte para o transporte de materiais de construção e bagagem dos colonos etc. que era feito por duas carroças de quatro rodas, sendo uma pequena e outra grande. No fim do ano transato, a Colônia tinha 1484 habitantes entre os quais 153 católicos e 1346 protestantes (evangélicos) sendo que pela imigração vinda de Hamburgo em 4 navios e de Destêro em 2 navios o número de habitantes neste ano aumentou em 607 almas.

Foram registrados 63 nascimentos e 34 óbitos, sendo destes últimos, quatro por acidentes; 62 pessoas, na maioria solteiros, retiraram-se da Colônia ficando deste modo, no fim do presente ano uma habitação de 2.058 almas entre as quais 1775 protestantes e 283 católicos.

A Colônia possui 419 casas prontas (edificadas) e 65 em construção.

Os edifícios públicos são 2 casas cobertas de telhas, na embocadura do rio, destinadas ao acolhimento dos imigrantes e que tem espaço para abrigar 200 pessoas; no perímetro urbano existem também tres edifícios cobertos com telhas e um coberto com papelão rijo como pedra, destinado para o mesmo fim, isto é, ao abrigo dos emigrantes; outrossim existe na Toupava (uma légua distante do perímetro urbano) um edifício de sólida construção e, um barracão no lugar Badenfurt (Rio do Testo) que tem o disígnio para o acolhimento dos colonos. Todos êsses edifícios juntos podem acomodar muito bem 500 pessoas.

A residência do pastor e o edificio destinado à escola, concluído há seis meses, são construídos de examel e têm um bonito aspecto.

Além de diversos armazens e depósitos, existe a gran

de escada de 84 degraus sôbre trilhos e que serve para puxar as bagagens e mercadorias das embarcações para terra e que apresenta uma altura de cêrca de 45 pés.

As cerimônias religiosas evangélicas serão celebradas num dos edifícios destinados ao abrigo dos emigrantes e, isto, numa sala apropriada para êsse fim, até a conclusão da construção da igreja, enquanto que as cerimônias religiosas católicas serão celebradas numa capela existente uma légua distante do perímetro urbano. Cada religião terá um sacerdote, sendo que o católico terá sua residência nas proximidades da capela e não na colônia propriamente dita.

Entre as construções particulares, existem 110 casas bem construídas e cobertas de telhas, sendo que algumas sobressaem pelo seu estilo; outrossim tem 11 em construção, sendo as restantes meradias provisórias feitas de palmito e barro e cobertas com palhas.

Nas terras cultivadas são plantados os seguintes produtos:

Mandioca em cêrca de	140	geiras
Milho « « «	500	»
Feijão « « «	50	«
Plantas bulbosas	250	«
Cana de açúcar	300	«
Café	60	«
Tabaco	40	«
Araruta	20	«

As pastagens abrangem uma área de 1300 geiras e as terras recentemente cultivadas para a próxima colheita têm cêrca de 1100 geiras.

Deve-se notar que as áreas acima representam a aproximação dos citados produtos, não sendo possível dá-las exatamente visto que num complexo de terras são também plantados vários produtos, um perto do outro, por exemplo: entre o milho planta-se feijão e entre o aipim também planta-se feijão; outrossim também costuma-se plantar, nos primeiros anos feijão, milho, aipim, etc., entre os cafezais.

A produção deste ano não foi, como já se previu, tão importante em virtude da temperatura acima aludida e que muito influi nas colheitas.

A colheita foi a seguinte:

Açúcar	5900	arrobas
Cachaça	12616	medidas
Farinha de mandioca	2490	alqueires
Feijão	896	alqueires
Milho	27750	mãos cêrca 400 sacas
Tabaco	344	arrobas
Plantas bulbosas	8680	alqueires
Batatas inglêsas	520	alqueires
Café	122	arrobas
Araruta	94	arrobas
Manteiga	370	«
Queijo	250	«

A diminuta produção, neste ano, de açúcar, cachaça e café, que sofreram muito com a geada, foi a que mais se fêz sentir, pois que não atingiu a terça parte da produção que devia dar se não tivesse caído a geada. A raiz do aipim, em grande parte apodreceu por causa das incessantes chuvas e, em parte foi devorada pelas bichas, depois que estas arrazaram os pastos.

A Colônia possui os seguintes estabelecimentos agrícolas:

55 engenhos de moer cana com cilindros de madeira

3 ditos com cilindro de ferro

59 fábricas de aguardente

52 atafonas de farinha de mandioca

A existência de animais é a seguinte:

86 cavalos, 636 animais de gado vacum, 26 cabras, 1492 porcos, 7900 aves. O gado vacum descende, em parte, da raça aperfeiçoada e importada, em 1858, de Oldenburgo, Alemanha, da qual existe grande parte de puro e meio sangue.

Estabelecimentos industriais:

3	olarias	2	padarias
1	oficina de cerâmica	3	serrarias movidas a água
3	fábricas de cerveja	3	atafonas
1	fábrica de vinagre	2	atafonas em construção
4	fábricas de cigarros.		

Profissionais:

13	marceneiros	6	alfaiates
14	carpinteiros	6	sapateiros
3	segeiros	5	seleiros

1	carpinteiro de canoas	1	latoeiro
2	construtores de moinho	5	ferreiros
3	torucadores	2	mecânicos
3	tanoeiros	1	relojoeiro
12	pedreiros	1	caldereiro
2	cavouqueiros	2	navegadores de rio
1	açougueiro	1	técnico para conserto de armas.

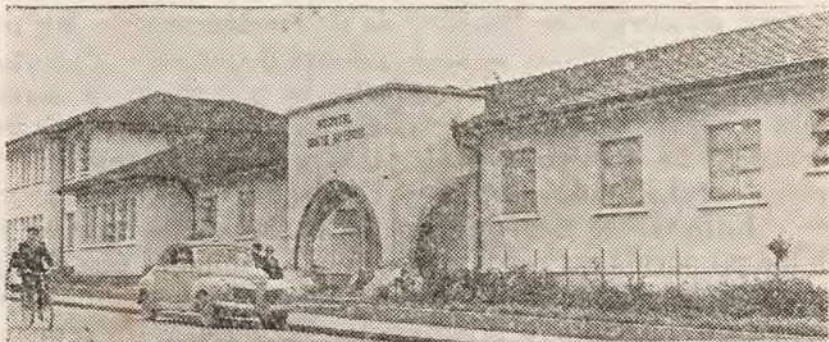
Aiém disso temos aqui um médico mandado e pago pelo govêrno e um médico homeopata a parteiro; outrossim existem aqui na Colônia 1 farmácia, 6 casas de negócios e 8 tavernas.

Também há aqui uma sociedade de Atiradores bem constituída e que atualmente tem cêrca ce 80 atiradores, duas sociedades de canto constituídas por homens e uma Associação de Cultura.

Colônia de Blumenau, 31 de dezembro de 1862

O Diretor Dr. Hermann Blumenau.

NOSOCÔMIOS DO VALE



Parte da fachada do Hospital "Santo Antônio", de Blumenau, o mais antigo do município e atualmente incorporado à Fundação Universitária. Dirigido pelo Dr. Afonso Balsini, conta com um corpo clínico e cirúrgico dos mais eficientes, com amplas enfermarias, salas de operações, seção pediátrica, farmácia etc. Nele está sediada a Escola de Auxiliares de Enfermagem de Blumenau, que será em breve transformada em estabelecimento de ensino superior. É administrado pelas Irmãs Franciscanas que lhe emprestam grande dedicação e eficiência. É, hoje, um do grandes hospitais de Blumenau.

A Colonização nas Matas Virgens

Foi uma das tónicas prediletas dos que combatiam a colonização por elementos de países europeus, ou dos interessados, nos diversos países, em evitar a emigração de seus patriotas para outras terras, o fato das dificuldades e perigos que os colonos encontrariam na nova pátria. Nesse sentido, a imprensa dos países interessados não poupava ocasião de alertar os que pensavam em emigrar. Isso, como é natural, prejudicou muito a emigração de elementos alemães para o Brasil, dos meados ao fim do século passado, quando essa emigração foi das mais intensas.

O dr. Paulo Aldinger, que, como pastor e interessado na colonização das terras do Vale do Rio Itajaí do Norte, ou Hercílio, muito propugnou para desfazer as intrigas e maus conceitos que se faziam sobre a vida dos imigrantes em Hansa-Hammonia, publicou, certa vez, em seu jornalzinho "Hansabote", publicado de 1904 a 1913, o seguinte artigo que traduzimos para estas páginas. Esse artigo é de interesse para os que querem se enfronhar nos pormenores que cercaram as atividades da Sociedade Colonizadora Hanseática, responsável principal pelo desbravamento e povoamento do magnífico vale do maior afluente do Itajaí Açu:

"É um fato conhecido e que todo novo imigrante sentiu por si mesmo, que as primeiras impressões que o colono alemão sente ao chegar ao Brasil é de desapontamento. Ele passa, repentinamente, de tôdas as comodidades a que estava acostumado na sua pátria para o desconforto, os perigos e os percalços da mata virgem, e sente-se desanimado, desencorajado da tarefa que o espera de transformar florestas e banhados em um local que possa ser habitado por gente civilizada.

Entretanto, acostumado ás comodidades que a velha pátria lhe propocionava desde que se viu no mundo, êsse imigrante se esquece completamente que a Alemanha não foi sempre a terra que hoje é, culta e progressista. Esquece-se do tempo que levou e do muito trabalho e sacrificios que custaram àquele país para chegar ao que é hoje, saindo de um território agreste, montanhoso e cheio de pântanos e estepes para uma terra de belezas sem conta, de comodidades sem par e que atrái, por isso, visitantes de todas as partes do globo.

O primeiro que nos deixou descrições escritas do território alemão foi o general e conquistador romano Júlio Cesar que do ano 58 a 51 antes de Cristo, percorreu, por duas vezes, à

frente de legiões romanas território alemão, pelo Vale do Reno.

Segundo as descrições de Julio Cesar, o território alemão daquele tempo deveria se assemelhar muito ao do Brasil. Matas impenetráveis, montanhas escarpadas, ausência de vias de comunicação eram as características da região. Os moradores não moravam em cidades ou aldeias, mas cada família para si, muitas vezes, uma bem longe da outra. Não havia govêrno organizado e somente em caso de guerra e enquanto ela durasse era escolhido um chefe cuja autoridade cessava com o restabelecimento da paz. No mais, cada um era senhor de si mesmo e porque não havia um povo unido, a nação não podia desenvolver-se. Foi por isso que Cesar, apesar de vitorioso, teve que retirar-se pois nada podia esperar daquela gente e daquela região. Cem anos depois, viveu um outro chamado Tácito, romano que escreveu um livro sobre a Alemanha que nós ainda possuímos. Apesar de ter êle demonstrado grande simpatia pelo carater dos alemães, a sua opinião sobre o território em que os mesmos viviam não é muito lisonjeira.

Abstraidas algumas propriedades dos romanos, junto ao Reno, o resto do país continuava como no tempo de Cesar. E assim permaneceu por séculos adiante, pois o nomadismo das populações não favorecia o progresso.

Sómente por volta do ano 600 depois de Cristo, é que se fizeram sentir grandes mudanças. A monarquia, que foi a forma de govêrno escolhida pelos alemães, e ainda mais o grande crescimento da população, obrigaram aquela gente a organizar-se. E começou a era das lavouras, das cidades e das aldeias, das profissões e das artes. No ano de 1843 fundou-se o império germânico e daí começou grande surto de progresso até o ano 1300. Esse foi o florescente período da Alemanha, sob o govêrno de imperadores poderosos e ativos. Foram construídas estradas e os caminhos galgavam as mais altas elevações para que os comerciantes pudessem transportar as suas mercadorias. Depois que a morte de Hohenstaufen enfraqueceu a autoridade imperial, a Alemanha entrou em sono secular. Ai está a história para que dela possamos tomar as lições. As condições para uma colonização proveitosa do Brasil não são hoje piores que as da Alemanha há mil anos atrás. Ao contrario. O século 19 foi tão rico como nenhum outro em decobertas e aperfeiçoamentos. Sob as condições atuais, um país pode se desenvolver tanto em 10 anos como em 1.000 antigamente. Mas uma coisa permanece imutável: E é essa verdade que geralmente não encontra acolhida entre os alemães. Tôda casa que não está unido entre si, perece.

ESTIMÁVEL COOPERAÇÃO

J. Ferreira da Silva

Como é muito sabido, quando, em 1849, o Dr. Blumenau veio ver as terras que lhe seriam concedidas, subindo o Itajaí Açu em companhia de seu sócio Fernando Hackradt, encontrou, estabelecidos pelas margens dêsse rio, muitas famílias de colonos alemães. Até mesmo bem próximo ao local em que êle estabeleceria, no ano seguinte, a sede de sua Colônia, havia as famílias de Pedro Wagner e Pedro Lucas, na atual Capim-Volta e, um pouco mais abaixo, as de Nicolau Deschamps, de Guilherme Schramm, a de Zimmermann e a de vários outros.

Êsses colonos foram de grande valia para o Dr. Blumenau, pois, foram êles que forneceram aos fundadores de Blumenau os primeiros generos alimentícios, as primeiras criações, orientaram-nos na prática da agricultura e os auxiliaram nos primeiros trabalhos de construção de ranchos, nas derrubadas de matas, etc.

Como vieram êsses colonos ter às margens do Itajaí?

Para melhor conhecimento desse fato, recuemos alguns lustros da data da fundação de Blumenau.

Em 1828, o govêrno imperial resolvera prosseguir na colonização das terras do sul do Brasil com elementos de origem européia. No fim dêsse ano, vieram para Santa Catarina, duas levas de imigrantes alemães, procedentes da região da Renânia, que haviam sido aliciados na Europa por agentes do govêrno brasileiro. Chegaram a Destêrro (como se chamava então a atual Florianópolis) e ali permaneceram por vários meses. É que o govêrno, pouco previdente e menos experiente ainda, cuidara de trazer os colonos mas se descuidara de preparar local para estabelecê-los.

Depois dêsses colonos passarem por mil e uma necessidades, por tôda a sorte de contrariedades e sofrimentos, foram estabelecidos em lotes coloniais, demarcados em uma área de terras próxima à capital da Província e que passou a chamar-se São Pedro de Alcântara, em homenagem ao nosso imperador.

Entretanto, êsses colonos não se deram bem naquele local. Muitos dêles mudaram-se para Palhoça, para São José, para Praia Comprida e até mesmo para Destêrro, onde a vida se lhes tornava mais fácil e menos trabalhosa.

Anos depois, um deputado provincial, o Coronel Agostinho Alves Ramos, que fundara a povoação do Santíssimo Sacramento, na fóz do Itajaí Açu, e era o chefe político da região, prevendo o grande futuro que estava reservado à vasta região banhada por aquele rio e seus afluentes, fêz passar, na Assembléia Legislativa, uma lei criando duas colônias: uma no Itajaí Mirim e outra no Itajaí Açu. Esta teria dois arraiais: um em Pocinho e outro em Belchior. Fo-

ram, nesses lugares, medidas sortes de terras de 200 e 300 braças de frente e demarcado lugar para uma povoação. Agostinho Alves Ramos, homem muito ativo e verdadeiramente interessado no povoamento da enorme extensão de terras que jazia no mais completo primitivismo, começou a aliciar gente para vir ocupar os lotes que mandara demarcar. Vieram primeiramente algumas famílias de caboclos que se transferiram do litoral. Depois, tendo conhecimento da desorientação em que se encontravam muitos colonos de São Pedro de Alcântara, que estavam sem saber onde situar-se, trouxe-os para as margens do Itajaí, localizando-os em Belchior e Pocinho.

Quando em 1848, o Dr. Blumenau subiu, pela primeira vez, o rio Itajaí Açu encontrou êsses alemães já com boas casas de moradia, de madeira serrada, com grandes roças de mandioca, cana, milho etc., e alguns até possuindo engenhos de açúcar e de farinha, mantendo regular comércio dêsses gêneros com a fóz do rio, onde a Vila de Itajaí prosperava. Êsses colonos devem ter vindo para cá, pouco depois de 1835, pois, em 1842, quando o engenheiro Belga, Van der Lede, andou explorando o rio, já encontrara, bem situados, os citados colonos. Na sede do arraial de Belchior, fôra estabelecido um pôsto de milicianos, batedores de mato, que velavam pela segurança dos colonos quanto a assaltos dos sílvícolas que perlustravam as redondezas. Essa guarda, mais tarde, foi transferida para a sede da Colônia, que o Dr. Blumenau fundara. Também nêsse particular, o trabalho de Agostinho Alves Ramos e a ajuda dos colonos de São Pedro Alcântara, foram de muita utilidade ao Dr. Blumenau na fundação do seu estabelecimento. As terras que lhe foram concedidas estavam sendo vigiadas pelos batedores de mato que os índios temiam. Êstes não se aproximavam muito dela, embora não fôssem raros nas densas florestas das cabeceiras do Garcia, do Velha e do Encano.

Os colonos alemães de Belchior, que eram católicos, trataram também de construir uma capelinha dedicada ao Apóstolo São Pedro. Dessa capelinha que ficava na margem esquerda do Itajaí-Açu, em frente ao local da grande figueira que dá nome à parada da Estrada de Ferro Santa Catarina, na estrada para Gaspar, originou-se a freguesia e, posteriormente, a atual cidade de Gaspar.

Os primeiros colonos católicos que vieram para Blumenau, alguns anos depois da sua fundação, iam até Belchior para cumprir os seus deveres religiosos. Já fizemos referencias, várias vêzes, a êsse fato.

Quando, em comêços de 1850, Fernando Hackradt ficou na Barra do Ribeirão da Velha, construindo o engenho de serrar e os ranchos com os quais se iniciaria a colonização de Blumenau, os Colônos de São Pedro Alcântara muito o ajudaram. Já eram práticos na serração de madeira, a braços, e na construção de casas. Estavam, além disso, habituados à vida do mato, suportando perfeitamente as suas agrestias e vencendo, com facilidade, os muitos tropeços e dificuldades que diàriamente se apresentavam e que difficilmente o europeu poderia superar por sí só. Foram os colonos de S. Pedro que

serviram ao Dr. Blumenau, nos primeiros tempos da sua colônia, de estafetas, levando e trazendo correspondência da barra do Rio para a Colônia e vice-versa. Foram êles que lhes ensinaram como armar balsas com duas canoas, sôbre as quais se assentava um estrado de madeira, e que serviam para transportar famílias inteiras com suas bagagens. Assim, é justo, pois, quando se fala na benemerência dos fundadores de Blumenau, não esquecer a contribuição preciosa que nos deram os colonos de São Pedro para nos ajudar a tornar grandiosa a nossa terra e feliz e rica a nossa gente.

Passagem de Rio do Sul

Por volta de 1885, o sr. Paulo Schwarzer, que foi Juiz Comissário de Terras e advogado em Blumenau, fêz uma viagem aos campos de Curitiba, pela picada que fôra aberta pouco tempo antes. Deixou dessa viagem uma descrição pormenorizada, que ficou, em grande parte, manuscrita e extraviou-se. Uma parte, porém, foi publicada pelo Pastor Gustavo Stutzer em seu livro «Das Itajahy-Thal und das Munizipium Blumenau» publicado, em segunda edição revista pela «Culturvereine», em Goslar, Alemanha.

Dessa publicação se conclui que, naquele ano, o local em que, hoje, se ergue a cidade de Rio do Sul, a bela capital do Alto Vale, estava completamente despovoado. Descrevendo a situação, diz Paulo Schwartz: «Antes do escurecer, chegamos ao Braço do Sul do Itajaí, cujas águas, num leito de largura de, mais ou menos, 300 pés desaguam, mansas, mais adiante, depois de formarem um poço sereno e profundo. Acampamos numa pequena elevação à margem do rio. A picada, tanto para cima como para baixo, estava praticamente fechada pelas galhadas. Um estreito descampado proporcionou-nos lugar para a barraca, para o fogo e para os animais. Estes, andaram pelos arredores, comendo as folhas de uma variedade de cana. Os arreios, cobertas etc. foram estendidos no chão da barraca, proporcionando-nos uma cama regular. Na manhã seguinte, construímos uma pequena balsa com troncos de madeira, ligados com cipó e assim, atingimos a outra margem. O caminho tornava-se cada vez pior, etc».

Por aí se vê que, onde hoje se situa a Ponte Curt Hering no centro da cidade de Rio do Sul não havia, naquele tempo, nem mesmo casa de balseiro e balsa para a passagem do rio. Isso, entretanto, parece um pouco fóra da realidade, pois, já em 1880 o Dr. Blumenau contratara com uma família de caboclos o serviço de balsa na foz do Braço do Sul no Itajaí Açu. E, a não ser que Paulo Schwartz tivesse transportado o rio em outro local que não o em que, até a construção da ponte, se fazia o serviço de balsa, a sua descrição pode estar um tanto exagerada. É uma questão de pesquisa na documentação, aliás muito farta, referente à exploração e abertura da Estrada para Curitiba, partindo de Blumenau.



A PROCEDÊNCIA

GARANTE A

QUALIDADE



PRODUTOS

DE

BLUMENAU



PERFEIÇÃO SEM IGUAL